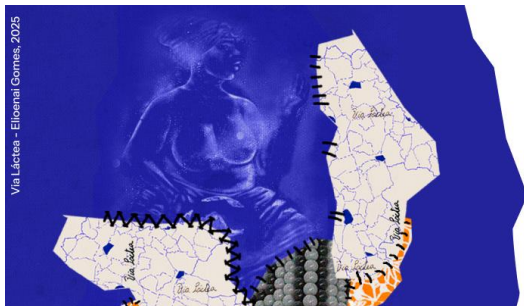




AS SERPENTES DO SERIDÓ: O ENSINO DE ARTE A PARTIR DAS GUARDIÃS DAS ÁGUAS, DAS MATAS E DOS SONHOS

THE SERPENTS OF SERIDÓ: ART EDUCATION BASED ON THE GUARDIANS OF WATERS, FORESTS, AND DREAMS

Jailson Valentim dos Santos¹

Universidade Federal de Pelotas - UFPel

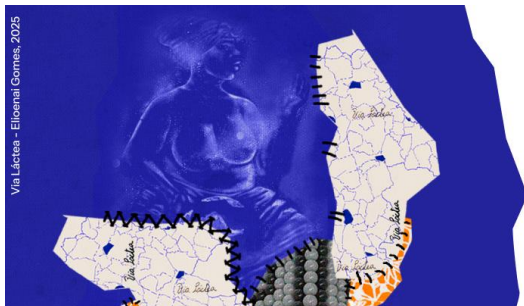
Resumo: Este artigo propõe uma abordagem sobre o sertão do Seridó a partir da simbologia da serpente, compreendendo o território como espaço de ancestralidade, arte rupestre, imaginário popular, lendas encantadas e saberes indígenas, com ênfase nos Tapuia Janduis (nação Tarairiú), povo originário da região. A figura da serpente, presente tanto na cosmologia indígena quanto nas narrativas populares locais, é símbolo recorrente de força, criação e resistência. Na memória de Seu Severino — para quem a serra de Parelhas-RN era a guardiã do Sertão — e nas obras de artistas como Lydia Brasileira, Custódio Jacinto, André Vicente e Caboclo Hélio, a serpente emerge como entidade simbólica que conecta o visível ao invisível. A partir dessas referências, o artigo discute o Ensino de Arte ancorado na memória, no território e numa perspectiva decolonial. A narrativa mítica de Seu Severino revela uma cosmopercepção indígena ainda viva na Caatinga, onde a serpente atua como força criadora e curadora, portadora de saberes e resistências poéticas. Assim, o Ensino de Arte, atravessado pelo lirismo da oralidade e pela potência da ancestralidade, configura-se como espaço de reativação de cosmologias indígenas e de aproximação afetiva entre estudantes e seus territórios de origem.

Palavras-chave: Cosmopercepção; Ensino de Arte Decolonial; Memória e território; Simbologia da Serpente; Sertão do Seridó.

Abstract: This article proposes an approach to the Seridó backlands through the symbolism of the serpent, understanding the territory as a space of ancestry, rock art, folklore, enchanted legends, and Indigenous knowledge, with an emphasis on the Tapuia Janduis (Tarariú Nation), the region's indigenous people. The serpent, present in both Indigenous cosmology and local folk narratives, is a recurring symbol of strength, creation, and resistance. In the memory of Seu Severino — for whom the Parelhas-RN mountain range was the guardian of the Sertão — and in the works of artists such as Lydia Brasileira, Custódio Jacinto, André Vicente and Caboclo Hélio, the serpent emerges as a symbolic entity that connects the visible to the invisible. Based on these references, the article discusses art education anchored in memory, territory, and a decolonial perspective. Seu Severino's mythical narrative reveals an Indigenous cosmoperception still alive in the Caatinga, where the serpent acts as a creative and healing force, a bearer of knowledge and poetic resistance. Thus, art education, permeated by the lyricism of orality and the power of ancestry, constitutes a space for reactivating Indigenous cosmologies and fostering emotional connection between students and their territories of origin.

Keywords: Cosmoperception; Teaching Decolonial Art; Memory and territory; Symbolism of the Serpent; Sertão do Seridó.

¹ Professor/artista/pesquisador vinculado à rede pública estadual de ensino do Rio Grande do Norte. Doutorando pelo Programa de Pós-Graduação em Artes – PPGArtes/UFPel, na linha de pesquisa Educação em Artes e Processos de Formação Estética, sob orientação da Prof.^a Dr.^a Nádia da Cruz Senna. Bolsista CAPES. Currículo Lattes: <http://lattes.cnpq.br/0920236549498441> E-mail: valentim8@yahoo.com.br



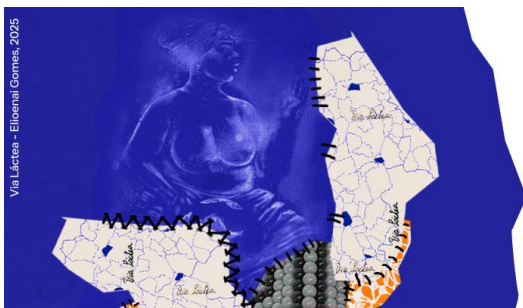
INTRODUÇÃO

No contexto do semiárido potiguar, onde o chão sertanejo esconde raízes profundas de saberes silenciados, o Ensino de Arte pode se transformar em território fértil para a escuta, o pertencimento e a reexistência. Na região do Seridó, a educação da sensibilidade é mais do que uma prática escolar voltada à técnica ou à apreciação estética tradicional, pois a arte se articula com os modos de vida e as cosmologias do território, tornando-se uma linguagem que mobiliza o encantamento. Trata-se de um jeito de fazer educação na qual se reativa a memória coletiva para que se possa resistir e reexistir aos apagamentos históricos impostos pelo colonialismo.

Este artigo propõe uma reflexão sobre experiências pedagógicas desenvolvidas em escolas públicas do Seridó, potiguar e paraibano, onde o trabalho com imagens, mitos e narrativas visuais partiu da cosmopercepção indígena como fundamento epistemológico e sensível. Compreende-se aqui a cosmopercepção² indígena como o modo ancestral de perceber, sentir e habitar o mundo em profunda conexão com a terra, integrando as dimensões do sagrado, da memória coletiva e da reciprocidade entre todos os seres do planeta. Na apresentação de seu livro *Saberes da Floresta*, Márcia Wayna Kambeba (2020, p. 18) nos convida a escutar os sons da floresta ecoarem na alma, a fim de nos tornarmos mais sensíveis para “entender cada movimento, cada cor e o canto dos pássaros e animais.” Essa atenta escuta poética evidencia uma relação de afeto, respeito e cuidado com a mãe natureza. Isso expressa, de maneira profunda, uma cosmopercepção indígena — um modo de existir em comunhão com a terra, onde corpo, território e espírito se entrelaçam em uma mesma tessitura de vida.

Um homem como Seu Severino, autodeclarado caboclo e neto de indígena Tapuia Tarairiú, com quem tive o prazer de conviver na infância, também expressava, em suas falas e gestos cotidianos, essa percepção integrada do mundo. Ao contrário

² O termo *cosmopercepção*, proposto pela pesquisadora nigeriana Oyèrónké Oyěwùmí (2021), surge como uma crítica ao conceito ocidental de *cosmovisão*, o qual privilegia a visão como sentido dominante e reflete uma estrutura cognitiva eurocentrada. Para a autora, *cosmopercepção* oferece uma alternativa mais inclusiva e sensível às diversas formas culturais de apreender o mundo, incorporando múltiplos sentidos, relações e experiências, para além do olhar racional e objetificante que marca a tradição do Ocidente.

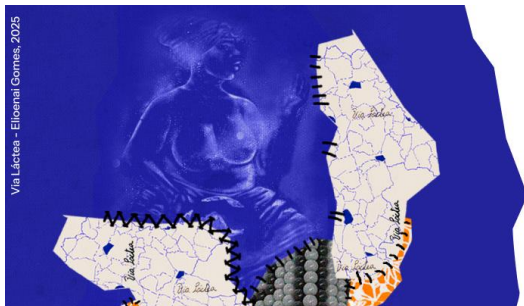


da separação entre cultura e natureza — ensinada historicamente pelas epistemologias coloniais — Seu Severino compreendia o mundo como um organismo vivo e relacional, do qual os seres humanos são apenas uma parte. Para ele, rios, matas, serras, animais, encantados e pessoas formavam uma teia contínua de afetação, presença e sentido, reafirmando a cosmopercepção indígena de que tudo está interligado por laços espirituais e ancestrais.

Diante da hegemonia de uma pedagogia colonial que ainda opera na fragmentação do conhecimento, na negação da oralidade e na invisibilização dos saberes comunitários, propõe-se um reposicionamento decolonial do Ensino de Arte, a partir da valorização de mestres da cultura popular e artistas locais como sujeitos pedagógicos. Nesse processo, a figura simbólica da serpente — presente em mitos, obras e crenças do Seridó — foi mobilizada como elemento gerador de narrativas e reflexões, possibilitando aos estudantes novas formas de ver o território, de reconhecer suas raízes e de imaginar outras possibilidades de existência.

A metodologia adotada fundamenta-se em práticas colaborativas entre professor, artistas, comunidades e estudantes, promovendo um deslocamento do papel docente para uma postura de escuta, mediação e coaprendizagem. Ao trazer para o ambiente escolar obras de artistas como Lydia Brasileira de Brito (Caicó-RN, 1936), Custódio Jacinto de Medeiros (Currais Novos-RN, 1969), André Vicente e Silva (Caicó-RN, 1972) e Caboclo Hélio (Hélio Emídio de Souza, Santa Luzia-PB, 1940), bem como outros saberes de mestres populares, como ceramistas, rezadeiras, cordelistas e violeiros, a arte deixa de ser um apêndice no currículo, “uma atividade supérflua, um babado, um acessório da cultura” (BARBOSA, 2009, p. 20) e passa a ser um campo de disputa simbólica e de produção de sentido.

Portanto, partindo da realidade viva do Seridó e da força simbólica da serpente como signo ancestral da região, este artigo busca contribuir para o debate sobre práticas educativas orientadas por uma pedagogia do território, que reconhece o valor dos saberes indígenas, populares e comunitários na formação estética, ética, política e cidadã dos sujeitos. Ao reativar imagens encantadas e memórias subterrâneas, reafirma-se o potencial da arte como linguagem de cura, reconexão com a terra e transformação do contexto, buscando sempre aproximar essa problemática da

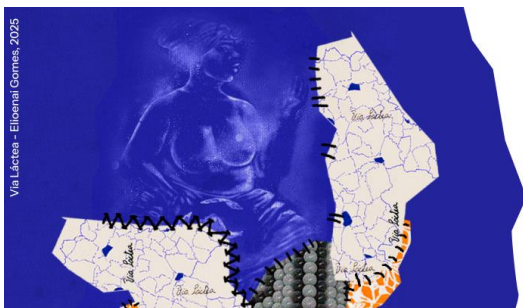


realidade dos educandos, articulando o conteúdo à vida social, conforme compreendia o mestre Paulo Freire (2014).

BOIUNA: A SERPENTE QUE VIROU SERRA

Quando eu tinha seis anos de idade minha família se mudou do centro da Parelhas-RN para o bairro professora Maria Terceira, nesta cidade. Isto ocorreu na segunda metade dos anos 1970 e, neste período, a periferia era atravessada por uma fina poeira e pela força dos ventos uivantes, próprios dos sertões do Seridó. Lá, o tempo caminhava ao passo das rezas, das águas que demoram a cair da goteira e das histórias que ecoam por gerações. Ao entardecer, quando o sol escorria alaranjado pelos serrotes quentes do entorno e o céu se vestia de azul profundo sobre nossas cabeças, eu me dirigia para a casa do tempo e da sabedoria, onde morava Seu Severino, Dona Conceição, sua companheira de vida, e sua adorável filha, Dona Lulu (Luzia) – todas estas pessoas se encantaram com mais de cem anos de idade. Ali, sentados na guia da calçada, um grupo de crianças esperava o momento sagrado da fala do velho. Era o instante em que o tempo do relógio, da máquina e da morte ficava suspenso para abrir caminho ao tempo ancestral, circular e intuitivo — aquele que os autores do grupo Modernidade/Colonialidade/Decolonialidade compreendem como sendo um tempo insurgente, “onde o passado vive no presente e nos empurra para um futuro outro”.

Dentre tantas histórias que Seu Severino contava, uma me atravessou fundo e sempre me acompanha, a história da Serra do Boqueirão (Serra das Queimadas), que fica situada no município de Parelhas-RN. Ele nos dizia, com o olhar fixo no horizonte, que aquela serra não era uma simples pedra ou montanha — era o corpo de uma serpente ancestral, tão antiga quanto o próprio tempo, que se fez rocha para proteger o território. Esta serpente era tão grande que seu corpo se estendia desde as bandas de Campina Grande – PB (Planalto da Borborema) e, pelo seu tamanho e peso, veio definindo o curso do rio Seridó por onde passava. Seu Severino dizia que, atualmente, outra parte dela vive nas entranhas da terra e se transformou em montanha para proteger os filhos da caatinga, como quem vigia uma toca de tatupeba contra as ameaças de predadores.



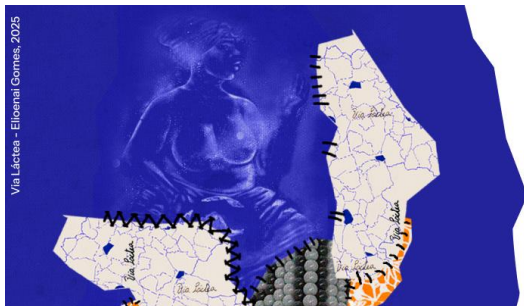
Hoje, ao revisitar essa memória sob o olhar da pesquisa e à luz de uma consciência decolonial, reconheço que naquela fala, à primeira vista ingênua, pulsava uma cosmologia originária viva — tão legítima quanto qualquer saber acadêmico. Aquela narrativa ressoava mitos de diversos povos originários, como os dos Tukano e dos Yanomami, para os quais a serpente simboliza a origem do mundo, as águas primeiras, o movimento das placas da Terra e as passagens entre os mundos visível e invisível, que se abrem a partir das matas.

Ailton Krenak chamaria isso de “conhecimento guardado na alma da floresta,” pois são saberes que resistem, mesmo diante dos saques das riquezas naturais e das tentativas sistemáticas de apagamento histórico. Em sua obra *Ideias para adiar o fim do mundo*, Krenak nos convida a imaginar mundos plurais, onde “as pessoas podem viver com o espírito da floresta, viver com a floresta, estar na floresta” (KRENAK, 2020, p. 25).

As serras do Seridó não são apenas relevos. São territórios e geografias sagradas, as quais abrigam riquezas materiais e simbólicas. As lendas das serpentes não são folclore, mas uma geopoesia indígena inscrita na paisagem, uma forma de ler o mundo em que corpo, território, mito e pedagogia se entrelaçam.

Mais adiante, ao conhecer as figuras rupestres do Sítio Mirador, também em Parelhas, percebi que esses grafismos talvez fossem formas de contar essa mesma história — a história da serpente, do tempo em curva, dos ciclos da vida e da terra. Imagino os Tapuia Janduis, povos originários da região, desenhando nas pedras aquilo que Seu Severino explanava com a própria voz. Saberes gravados nos paredões rochosos ou na memória oral: registros de uma ciência silenciada, mas profundamente potente. O filósofo argentino Walter D. Mignolo (2003) discorre sobre um mundo moderno-colonial e evidencia o controle dos corpos e dos saberes, numa clara referência à colonialidade do poder, que se expande à dimensão do ser e do saber.

Dona Conceição, com sua fala mansa, dizia que, reiteradas vezes, ao sonhar com a serpente, sentia como se a serra estivesse se mexendo, tirando-a de seu sono de pedra. Penso que a velha compartilhava o saber dos antigos: há tempos nos quais a serpente desperta — não para destruir, mas para lembrar quem somos, de onde viemos, o que esquecemos.

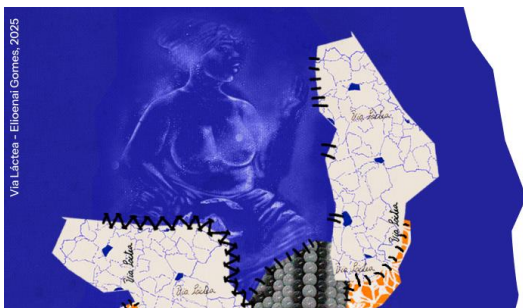


Hoje, como artista, educador e pesquisador, reconheço que minhas primeiras lições de filosofia, ecologia e arte não vieram da escola ou universidade, mas da calçada poeirenta de casa, das palavras simples de um casal de velhos caboclos que se conectavam com os antigos sem precisar de livros. E é nessa encruzilhada entre o saber acadêmico e o saber comunitário, entre a pedagogia crítica de Paulo Freire e a pedagogia ancestral dos povos da terra, intermediado pelas *pedagogias decoloniais*, que construo minha práxis educativa na escola.

Escutar Seu Severino era aprender sobre um pedaço da terra, enriquecer o imaginário com a poesia do velho caboclo, que reiventa o sertão para nossos ouvidos de criança. Essa escuta encantatória, que tanto me marcou, trago hoje para as minhas aulas de arte, abro espaço para os mitos, para os grafismos, lendas e memórias, enfim, para a poética do sertão. Reconheço que são formas legítimas de conhecimento, capazes de formar sujeitos inteiros, conscientes de si e de sua ancestralidade, bem como conectados com o território. Enquanto houver uma criança-adolescente-jovem disposta a ouvir e um ancião disposto a contar, a serpente seguirá viva — protegendo, ensinando e despertando a gente para o cuidado com a terra e a proteção do meio ambiente.

Dizem os mais velhos — e eu ouvi da boca de Seu Severino, sob o céu estrelado de Parelhas — que antes do mundo ser como é, o Sertão era só vento e pedra, e o tempo corria sem rumo por entre os espinhos das juremas fincadas na terra. Naquele tempo distante, quando o mundo ainda estava sendo costurado pelas mãos dos encantados, vivia no ventre da Caatinga uma grande serpente, tão antiga quanto o silêncio, que possuía a sabedoria da lua cheia. Seu nome era Boiuna, a grande cobra preta que nasceu junto com o tempo, mas o povo a chamava de Serpente de Pedra, porque foi ela que decidiu se enroscar na terra e dormir, para sempre, guardando os mistérios do povo sertanejo.

Ela não era qualquer bicho, pois era filha da água e do trovão, irmã das estrelas e dos ventos. Tinha os olhos vermelhos como a luz crepuscular e escamas feitas de terra rachada. Dizem os antigos que ela continua trocando de pele a cada sete anos, durante o ciclo das secas, por isso, quando vemos a terra abrir rachaduras, mesmo sem motivo aparente, é ela se renovando, trocando de pele para ganhar um novo



impulso vital. É importante saber que seu corpo atravessava serras e dormia sob as pedras, fazendo curvas por debaixo da terra. Por onde ela passava, deixava sulcos profundos no chão e estes, um dia se encheriam de água. Portanto, era ela quem cavava e definia o leito dos rios com o movimento do próprio corpo.

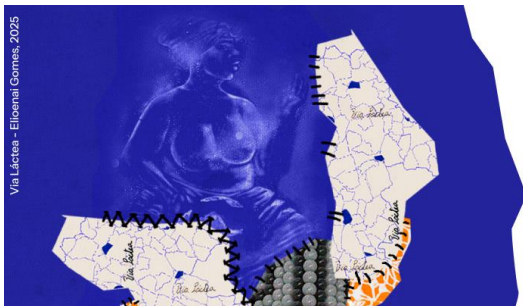
Seu Severino contava que a serpente, com sua língua de fogo e sua barriga d'água, abriu caminho na topografia do sertão. Isso aconteceu entre a Caatinga e as sete cidades sagradas: Jurema, Vajucá, Junça, Angico, Aroeira, Manacá e Catucá, onde vivem os encantados. Foi nesse espaço que ela fez brotar as primeiras nascentes, chamando as águas com seu sopro quente, despertando a vida no Seridó com seu olhar profundo. E, como aprendemos, o rio nasceu do seu rastro e, desde então, corre entre serras durante o inverno, como uma artéria que sai de si para irrigar a terra. Assim, o rio é uma memória viva do seu gesto criador.

Boiuna sabia que o mundo dos homens era cheio de esquecimentos. E temia que um dia os sertanejos deixassem de ouvir as vozes da mata, de respeitar os segredos das pedras e de honrar os encantados. Então, antes que o esquecimento chegasse, ela se enrolou no boqueirão de Parelhas, e adormeceu em forma de pedra, para viver como quem guarda um tesouro sagrado.

Desde então, ela vigia os territórios do povo, protege as cidades invisíveis dos encantados. Boiuna sopra os sonhos na cabeça daqueles que sabem ou precisam escutar a terra. Ela guarda a cura no fundo da Caatinga, nas cascas das árvores, nas folhas que crescem entre os espinhos das árvores, nas águas que ainda resistem ao calor e à poluição do mundo.

Quando um pajé, uma rezadeira ou qualquer pessoa mais sensível e atenta aos sinais da natureza faz reverência e entra na mata em silêncio, ela escuta o sussurro da serpente. Essa grande cobra preta sopra no ouvido dessas pessoas qual erva pode curar a febre, qual raiz tem poder de espantar o medo, qual flor é capaz de acalma a alma. Portanto, a caatinga é a força vital do povo do sertão e Boiuna é o ser que revela os mistérios da terra e da mata.

E Seu Severino dizia, com seus olhos miúdos brilhando de lembrança: “Ela tá lá, meu filho, dormindo no lombo do rio e, de vez em quando, se mexe. Quando a terra



treme, quando o rio sobe do nada, quando a cura vem no sonho, é ela, acordando só um pouquinho pra lembrar a gente de que ainda tá viva... e que o sertão tem alma.”

Por isso, quem nasce nessas bandas e ouve com atenção o vento que passa entre os galhos da jurema nos meses de julho, agosto e setembro, na verdade está escutando o assobio da antiga Boiuna. Esse é o melhor período do ano para soltar as raivas, as mágoas e ressentimentos, pois ela dissipa tudo, como a faz com as sementes ao lançá-las no espaço com seus sopros noturnos.

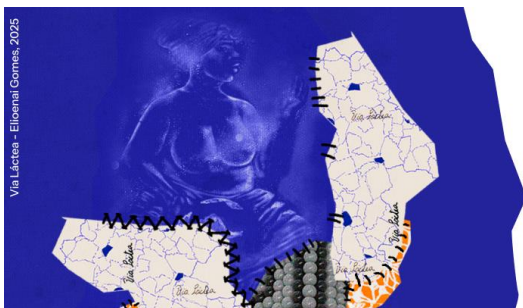
A SERPENTE NAS AULAS DE ARTE

A imagem da serpente, dentro de uma cosmopercepção indígena, é uma figura simbólica de profunda complexidade e potência. Ela pode ser interpretada e trabalhada em diversos níveis — cosmológico, territorial, espiritual, pedagógico e artístico —, pois representa uma força ancestral que transita entre mundos, articula a vida e a morte, a terra e a água, entre o oculto e o aparente.

Em sala de aula, promovo a discussão de como ela pode ser compreendida e utilizada dentro de uma abordagem decolonial e de uma cosmopercepção indígena, considerando referências de artistas locais como Lydia Brasileira, Custódio Jacinto, André Vicente e Caboclo Hélio, sem deixar de exibir e explanar sobre as produções de artistas indígenas como Jaider Esbell, Daiara Tukano e Denilson Baniwa, por exemplo.

A artista caicoense Lydia Brasileira é uma profunda conhecedora da cosmologia indígena, que acumula décadas de pesquisa e escuta sensível das culturas originárias no Seridó, das quais se diz descendente. Em uma instalação intitulada *O Sonho Apocalíptico de Adão*, apresentada na Casa de Cultura Popular de Caicó (RN), em 2009, Lydia tensionou e ressignificou a figura da serpente — símbolo ancestral que, ao ser apropriado pela narrativa judaico-cristã, chega ao Seridó pelas vias da igreja, encarnada na figura de Adão.

A obra propõe uma leitura crítica da imposição colonial e eurocentrada sobre os imaginários locais. Ao sugerir a “morte simbólica” dessa serpente trazida pelo ocidente, a artista afirma que isso implicaria enterrar também seus frutos: Caim e Abel, arquétipos da cisão e do fratricídio, bem como seus descendentes culturais — como



a figura do Papai Noel, ícone do consumo, que transforma as relações afetivas em transações mercadológicas.

Lydia estende essa crítica à cultura imagética hegemônica produzida pela indústria norte-americana, especialmente no campo das infâncias e dos desejos. Tal crítica é representada de forma simbólica por um “roedor de pensamento”, alusão direta ao personagem Mickey Mouse, que aqui opera como metáfora do apagamento de cosmo percepções originárias e da substituição do simbólico ancestral por simulacros globalizados.

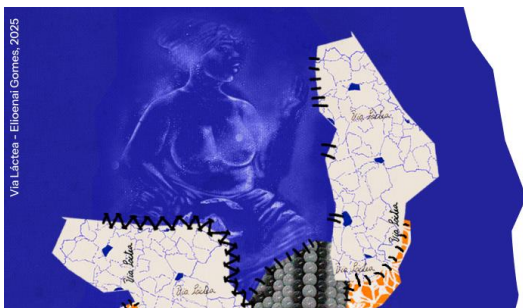
Ao fazer esse cruzamento entre mitologia, crítica cultural e instalação artística, Lydia Brasileira reativa, poeticamente, as serpentes do Seridó — não como símbolo do mal, mas como potência cosmológica silenciada e agora reencantada pela arte.

Imagens 1: O velório da serpente alada. **Imagens 2:** estudantes em visita à casa da artista, com representações de serpentes ao fundo. **Imagens 3:** “Cobra Preta” (Boiuna) tecido e bordado.



Fonte: acervo pessoal.

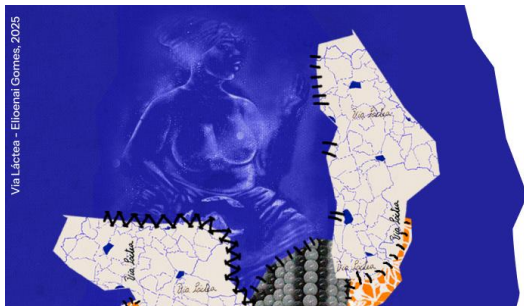
Nessa proposta estética e política, Lydia inscreve-se no campo das práticas de resistência simbólica, como se evocasse o pensamento de Mignolo e Gómez (2012), ao afirmar a arte como lugar de insurgência epistêmica e de recuperação dos saberes subalternizados. Ao intervir com uma poética crítica, Lydia Brasileira reencanta o território e propõe uma arte que não apenas representa, mas restitui as forças cosmológicas soterradas pelo projeto civilizatório ocidental.



Em sala de aula, adotei como eixo metodológico a valorização de imagens e narrativas que confrontam o imaginário dominante herdado da colonização. Nesse percurso, obras de artistas populares e regionais como Custódio Jacinto, André Vicente e Caboclo Hélio foram fundamentais para provocar nos estudantes uma leitura crítica e sensível do território, ativando memórias silenciadas e cosmopercepções indígenas que ainda sobrevivem nos rastros da cultura sertaneja.

O símbolo recorrente e ambíguo da serpente foi o fio condutor desse trabalho, que subverte representações hegemônicas, associadas ao pecado e à queda, para trazer a serpente encantada, uma entidade cosmológica, ancestral e criadora de caminhos — especialmente na construção simbólica da paisagem do Seridó. Como exemplos significativos dessa abordagem, posso citar três obras que se tornaram referências visuais e discursivas no processo pedagógico: *O Carcará que comeu a cobra do mal*, de Custódio Jacinto (Imagem 4), em que o embate entre o pássaro e a serpente pode ser lido como uma alegoria sobre disputa de forças simbólicas — entre o instinto predador da cultura da violência e a sabedoria sinuosa da ancestralidade. A imagem provocou debates sobre o apagamento dos saberes originários e as disputas narrativas sobre o território. *A Serpente do Poço de Sant'Ana*, de André Vicente (Imagem 5), resgata a narrativa encantada da serpente que habita as profundezas do poço sagrado em Caicó/RN. Essa obra foi utilizada como ferramenta para discutir a presença do mito indígena nos imaginários populares e religiosos do Seridó, e como essas cosmologias subterrâneas e subaquáticas resistem sobre o solo das práticas escolares. *A Serpente Suspensa*, de Caboclo Hélio (Imagem 6), apresenta a figura da serpente em suspensão, como se estivesse entre dois mundos: o visível e o invisível, o mítico e o real. A imagem escultórica do mestre nos permitiu refletir sobre a serpente como mediadora de saberes e como metáfora da própria educação que desejamos — uma educação que não rasteja ao chão do colonialismo, mas que flutua entre as camadas da história e da imaginação, abrindo possibilidades de reencantamento do mundo.

Imagem 4: *O Carcará que Comeu a Cobra do Mal*. **Imagem 5:** *A Serpente do Poço de Santana*.
Imagem 6: *A Serpente Suspensa* - escultura.



Fonte: acervo pessoal.

Essas obras não foram tratadas como meras ilustrações, mas como dispositivos de escuta, invenção e insurgência. A partir delas, os estudantes foram convidados a produzir narrativas visuais que resgatassem elementos simbólicos do território, articulando mito, memória e vivência (Imagem 7). Nesse movimento, o Ensino de Arte se torna um campo fértil para a emergência de epistemologias outras — aquelas que se arrastam com as serpentes, que se escondem nos poços, que voam invisíveis sobre o sertão — e que, quando reconhecidas, abrem caminhos para a descolonização do olhar e da imaginação criadora (Imagem 8).

Imagem 7: desenhos em exposição na escola.

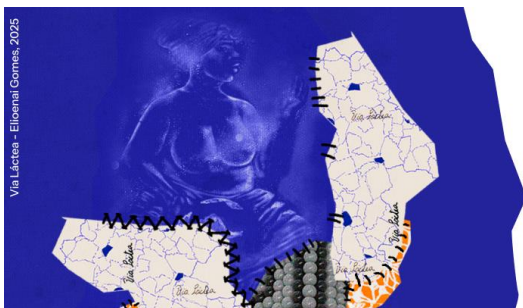
Imagem 8: Custódio Jacinto e Lydia Brasileira colaborando com nosso projeto.



Fonte: acervo pessoal.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A experiência apresentada propõe reconectar o Ensino de Arte aos saberes ancestrais do Seridó potiguar, reconhecendo o território como corpo simbólico e a



cosmopercepção dos povos originários como fundamento epistemológico, sensível e pedagógico. Assumir uma perspectiva decolonial significa questionar cânones eurocentrados e valorizar saberes que emergem da terra, da oralidade e das vivências comunitárias, tornando o/a professor/a mediador/a de mundos. A parceria com artistas locais e mestres da cultura popular revela-se gesto pedagógico potente, rompendo com a fragmentação escolar e aproximando estudantes de uma arte enraizada no território. A serpente, trabalhada como metáfora viva da travessia pedagógica, reafirma a urgência de práticas educativas comprometidas com a justiça epistêmica, capaz de instaurar experiências coletivas e encantadoras, que ampliem sensibilidades e fortaleçam o pensamento crítico.

REFERÊNCIAS

BARBOSA, Ana Mae. *Arte-Educação no Brasil*. São Paulo: Perspectiva, 2009.

FREIRE, Paulo. *Pedagogia do oprimido*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2014.

KAMBEBA, Márcia Wayna. *Saberes da floresta*. 1. ed. São Paulo: Jandaíra, 2020.

KRENAK, Ailton. *Ideias para adiar o fim do mundo*. São Paulo: Companhia das Letras, 2020.

MIGNOLO, Walter. *Histórias locais/projetos globais: colonialidade, saberes subalternos e pensamento liminar*. Tradução de Solange Ribeiro de Oliveira. Belo Horizonte, Ed. UFMG, 2003.

MIGNOLO, Walter; GÓMEZ, Pedro Pablo (Eds.). *Estéticas y opción decolonial*. Bogotá: Editorial Universidad Distrital Francisco José de Caldas, 2012.

OYĚWÙMÍ, Oyèrónké. *A invenção das mulheres: construindo um sentido africano para os discursos ocidentais de gênero*. Tradução de Wanderson Flor do Nascimento. 1. ed. Rio de Janeiro: Editora Bazar do Tempo, 2021.

WALSH, Catherine. *Interculturalidad, Estado, Sociedad*. Quito: UASB, 2009.